

A CARA DA RUA

MARCELO
XAVIER

Conforme a nova ortografia
2013

 **Editora
Saraiva**

Copyright © Marcelo Xavier, 2013

Gerente editorial: Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira

Editora: Kandy Saraiva

Auxiliar de serviços editoriais: Flávia Zambon

Estagiária: Gabriela Damico

Preparação de texto: Laura Vecchioli

Revisão: Amanda Lassak

Projeto gráfico: Marcelo Xavier

Diagramação: Rosa Design Gráfico

Produtor gráfico: Rogério Strelciuc

Capa: Marcelo Xavier

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

X21c

Xavier, Marcelo, 1949-

A cara da rua / texto [e ilustrações] Marcelo Xavier. – [1. ed.]
– São Paulo : Saraiva, 2013.
128 p. : il. ; 20 cm.

ISBN 978-85-02-21914-4 (prof) / 978-85-02-21913-7

1. Crônica infantojuvenil brasileira. I. Título.

13-06701

CDD: 028.5

CDU: 087.5



Rua Henrique Schaumann, 270 – Pinheiros

05413-010 – São Paulo/SP

Fone: (0xx11) 3613-3000

Fax: (0xx11) 3611-3308 – Fax vendas: (0xx11) 3611- 3268

www.editorasaraiva.com.br

saceditorasaraiva@editorasaraiva.com.br

Atendimento ao professor: 0800-0117875

Todos os direitos reservados.

Dedico este livro ao amigo Álvaro Gentil e ao Dr. José Mariano Lanna, meus incentivadores, que “leram” estas crônicas antes de elas serem escritas.

Agradeço a Beth Neves, Leonardo Medina, Cristiano Machado, professor Helinho e Helcio Zolini.

Sumário

O sol de cada um	5
Objetos	9
A toca	13
Guerrilha estética	17
Janelas	21
Cores	25
Incompatíveis.....	29
Metamorfose do século XXI	33
Os MACSI	37
Caracóis metálicos	41
O hóspede e o habitante.....	45
Sirenes.....	49
Duas brasileiras	53
Horta no asfalto	57
A cara da rua	61
Insetos	65
Credo urbano	69
Vagas	73
Praças	77
Teia de números	81
Grãos mágicos	85
Quartos	89
Falhas	93
Emoções públicas	97
Cacos	101
Rua	105
Acordar	109
Miseráveis	113
Povo	117
Portas	121
Fugaz	125

O sol de cada um

Amanhece na cidade. Inúmeros sóis nascem. Os raios de um deles se quebram entre os edifícios, infiltrando-se por frestas de persianas e de cortinas semiabertas. Mas são recebidos com palavrões e ofensas de estudantes sonolentos e funcionários insatisfeitos.

Os de outro sol chegam para resgatar os velhos do inverno permanente em que vivem. Estes, com os olhos já abertos desde a madrugada, agradecem o calor e a chegada do dia. Logo, estarão com o sol nos pátios, na porta de casa, se aquecendo.

Na maternidade, o sol é novinho para os que acabaram de chegar – a mãe recém-nascida oferece o filho à luz. Mistério, delicadeza, ternura – tudo junto.

O sol dos presos é apenas mais um na angustiante contagem regressiva de suas penas. A liberdade com que atravessa o céu soa como deboche, e eles o maldizem. Lançam-lhe ameaças de vingança, de acerto de contas, assim que se virem livres.

Nos hospitais, na presença da dor, em cenários de bioguerra pela sobrevivência, o sol adoecido não passa de tênue claridade filtrada por cortinas cerradas, imerso em penumbra e tédio. Tanto faz se nascente ou poente, ou em que ponto do céu se encontra. O que assiste aos pacientes terminais – o último sol – é sagrado, é ponto de partida. É o círculo que se fecha.

O dos amantes, refestelados em camas exauridas pelo prazer da noite, reacende o desejo, intromete-se entre lençóis e travesseiros. A ele fazem declarações de amor sussurrado e intenso e voltam a se abraçar.

O dos deprimidos encontra as janelas fechadas – sem brilho, sem força, sem cor. Permanece lá fora, ignorado. Lá dentro, no escuro daqueles espíritos fotofóbicos, apenas o silêncio incômodo e corrosivo.

O dos trabalhadores entra pelas janelas escancaradas, dá-lhes um banho revigorante, serve-lhes café com pão e esperança. Leva-os até o serviço. Ganha deles amizade leal e admiração.

Há ainda muitos outros sóis. É distinto o sol dos ricos e o dos pobres, o dos homens e o das mulheres, o dos vitoriosos e o dos derrotados. Há o sol dos policiais, dos religiosos, das prostitutas, dos loucos, dos suicidas. Há, sobretudo, o sol das crianças, protetor dos brinquedos e das brincadeiras ao ar livre, pintado num céu de fantasia, livre das intempéries adultas.

Anoitece. Cada um se cobre com a noite que lhe cabe. E elas são tantas quanto os inúmeros sóis que acabam de se pôr.



Objetos

“Ver uma camisa de homem na cadeira me ferveu o sangue. Ela foi a culpada. Com os botões abertos, suada, se sentindo em casa... um desrespeito, uma provocação. E eu nem havia entrado no quarto. Na cozinha, a faca pulou na minha mão, me instigando com sua língua fria e afiada: vai, cara, reage! Voltei pra copa, e a camisa ali, debochando de mim”. Deu no jornal: “Marido traído dá sete facadas na camisa do amante da mulher e liga para a polícia!” É isso aí.

Os objetos se expressam, têm vida própria. Excitam os espíritos, exaltam os ânimos, levam a reações impensáveis. Possuem qualidades ou mesmo defeitos que estão sujeitos a todo tipo de tratamento. Formas, cores, matérias, funções: são essas as causas de sua aceitação ou rejeição, adoração ou desprezo. Indiferentes aos julgamentos, os objetos se apresentam ao mundo sem disfarces. São o que são. Nós os criamos; agora, são eles que dão as cartas.

O que vemos nas ruas são objetos em movimento – carros, roupas, adereços – conduzindo pessoas. Somos, aos olhos do mundo, o que eles dizem que somos – ricos, pobres, bregas, chiques, descolados ou conservadores. Seus atributos se transferem a nós. E nessa confusão de atribuições entra o veneno do preconceito – perversa particularidade humana, inoculado nos objetos. O olhar

que percebe uma cadeira de rodas não é o mesmo que vê uma bicicleta.

Muletas, bengalas e outros auxiliares das deficiências carregam o estigma de suas funções. Ainda que respeitados por seu nobre trabalho, não se livram da discriminação. Ou são aceitos, mas com reservas. Carros velhos olhados com desdém, roupas fora de moda condenadas ao ostracismo, lugares evitados por sua decoração de “mau gosto”.

Há algumas décadas, sutiãs-mártires foram queimados em praça pública. Mais recentemente, um paletó dourado foi atacado numa festa. Uma minissaia foi violentada em determinada escola. Uma cadeira de rodas foi proibida de entrar num bar. Uma camiseta estampada com um arco-íris sofreu violenta agressão em São Paulo. Em Brasília, botaram fogo em um cocar que dormia num ponto de ônibus. Um velho sofá com suas roupas rasgadas foi expulso de casa e hoje é morador de rua. No anel rodoviário, uma motocicleta foi perseguida e morta por um caminhão...

Vivemos cercados de objetos por todos os lados, em dependência crescente e irreversível. E por ironia, nos tornamos objetos de sua dominação.



A toca

Sair e voltar. Ao fim do dia ou da noite... voltar. Fazer-se presente no banquete do mundo, sem restrições – comer, sem deixar no prato, beber os amores que nos sirvam, até a última gota, mas voltar, sempre. Sina animal: voltar à toca. Por precisão, por necessidade.

É ela, a cidade, um corpo oco. Labirinto de cavernas geométricas, empilhadas como caixas de supermercado, para onde sempre voltamos, guiados pelo Fio de Ariadne dos endereços. Se o primeiro impulso da criança que caminha livre se faz em direção à rua sedutora – à porta de saída –, o segundo vai em direção oposta: à casa, ao carinho, à proteção. Satisfeitos os anseios de liberdade e novidade, ela faz o caminho de volta – porta adentro.

Sair e voltar – movimento de respiração da cidade –, encher-se e esvaziar-se continuamente da multidão que sai às ruas durante o dia e se recolhe ao anoitecer.

Exaustos, buscamos o caminho da toca. O ar livre nos aflige por sua imensidão – o céu como limite. Sem sermos agorafóbicos, fugimos para o abraço da casa. Lançar-se ao mar imprevisível pressupõe o retorno ao porto seguro. A natureza selvagem não nos abriga. Ao contrário, submete-nos a toda sorte de adversidades. Zomba de nossa prepotência, torna evidente nossa dependência cultural. Precisamos de teto, paredes... um canto. O colo da noite aberta é belo, mas também frio e